



Do rudimentar à lógica de mercado: um registro da transformação da Feira Híppie de Belo Horizonte

Diego Echevengúá Borges¹

Resumo

Buscou-se evidenciar por meio do presente ensaio fotográfico a transformação da Feira Híppie de Belo Horizonte, a qual afastou-se de uma lógica calcada na exposição de peças produzidas por híppies, estudantes de artes e pintores, para adentrar na forma de produção inerente ao paradigma do capitalismo.

Palavras-chave: artesanato, comércio, transformação.

From the rudimentar to the Market logic: a register of the transformations of the Híppie Fair of Belo Horizonte

Summary

The aims to provide evidences, by means of a photographic essay, of the transformations that occurred in the Híppie Fair of Belo Horizonte. This transformations moved away from a logic based on the exposition of pieces produced by híppies, art students and painters, into a form of production that is inherent to the paradigm of capitalism.

Key-words: handicraft, commerce, transformation

De lo rudimentario a la lógica del mercado: un registro de la transformación de la Feria Híppie de Belo Horizonte

Resumen

El estudio buscó de destacar por la presente sesión de transformación de la Híppie de Belo Horizonte, que se han alejado de una lógica basada en la exposición de piezas producidas por los híppies, los estudiantes de Artes y pintores, para entrar en la forma de producción inherente en el paradigma del capitalismo.

Palabras llave: artesanía, comercio, transformación.

¹ Doutorando em Administração na Universidade Federal de Minas Gerais.

O registro fotográfico exposto neste ensaio visa demonstrar a transformação estrutural e social que ocorreu na Feira de Arte, Artesanato e Variedades de Belo Horizonte (BH), popularmente conhecida como Feira Hippie de BH. De uma lógica calcada na expressão ideológica e cultural- onde eram expostas obras produzidos exclusivamente por hippies, pintores e estudantes de arte- à a atual organização setorial da feira que adotou conceitos como negociação, mercado e demanda, a feira hippie de BH , assim como serviços criativos (UNCTAD,2010, p.116) setores que pertencem ao espectro de atividades constituintes da economia criativa, adotou a concepção mercantil de uso da criatividade para obter lucratividade e geração de empregos.

A quadragenária Feira Hippie de BH possui cerca de 2300 expositores organizados em 17 setores, movimentando R\$ 87,5 milhões por ano. Além disso, dos expositores, 47% geram empregos indiretos para mais 20 mil trabalhadores auxiliares (PORTAL PBH, 2009). Na feira são vendidos diversos tipos de produtos, desde biquínis, calçados e artigos de couro, até produtos essencialmente artesanais, como móveis de madeira e esculturas.

O layout da feira prioriza a organização e a facilitação do processo de compra dos consumidores. De acordo com o portal PBH (2009) todas são as barracas divididas em 12 setores, representados por cores e tipos de produtos vendidos. A cor vermelha lisa, por exemplo, está relacionada com a venda de objetos para decoração. Por outro lado, a cor vermelha listrada relaciona-se à venda de bijuterias.

Ressalta-se que apesar da inclusão de diversos produtos e que ao longo dos anos foi incorporado a feira uma lógica mercantil (PIMENTEL et al. 2008; PIMENTEL; CARRIERI; SILVA, 2007), pesquisadores instigados em entender alguns fenômenos que circundam a mesma ressaltam o seu importante papel para manter vivo o patrimônio histórico e cultural da cidade de Belo Horizonte (RODRIGUES, 2008; CARRIERI; SARAIVA; PIMENTEL, 2008).

Origem da Feira

A feira foi fundada em 1969, quando artistas, estudantes ligados às artes plásticas, artesãos e alguns elementos hippies começaram a expor seus trabalhos artísticos na Praça da Liberdade, local que possui muitas árvores, cercado pelo belo conjunto arquitetônico e que era pouco frequentado pelos belorizontinos na época. De início, devido ao delineamento por parte dos militares da AI-5, ideologia política que vedava qualquer manifestação contra a ordem vigente, houve certa dificuldade por parte da prefeitura em permitir a exposição de trabalhos artísticos livremente. No entanto, apesar dos obstáculos, os artistas seguiram expressando suas ideias por meio de exposições esporádicas (FEIRA HIPPIE BH, 2014).



Figura1: Pintores da Feira Hippie de BH.
Fonte: Estado de Minas.

Carrieri, Saraiva e Pimentel (2008) ao analisarem o estudo de Albano et al. (1984) ressaltam que os grupos hippies não tiveram participação alguma na concepção, fundação, nem no desenvolvimento e propulsão da feira. No entanto, o estigma de ser hippie trouxe benefícios à questão ideológica e simbólica da relação produção-consumo dentro da Feira. Frente aos valores dominantes da época, os quais eram substanciados pelos militares que usufruíam da centralização do poder político e do uso de medidas “linha dura” para evitar a subversão da ordem, a ideologia hippie agia como uma contra cultura que se aproximava de temas como o comunismo e igualdade (CARRIERI, SARAIVA ; PIMENTEL, 2008; FICO, 2004).



Figura 2: Pintores da Feira Hippie de BH
Fonte: Estado de Minas.

Visualizando as fotos, verifica-se não há a presença de indivíduos com as roupas e demais acessórios que caracterizam a figura simbólica do movimento Hippie americano que insurgiu na década de 60. Tal fato pode ser explicado por Carrieri, Saraiva e Pimentel (2008), os quais asseveram que a Feira Hippie não tinha nenhum elemento propulsor do estilo de vida alternativo. Inicialmente, passou-se a denominar feira hippie de BH como uma forma simbólica que emergiu em virtude da postura de contestação dos expositores da feira ter sido semelhante àquela adotada pelos hippies americanos.



Figura 3: Pintores da Feira Hippie de BH
Fonte: Estado de Minas.



Figura 4: Feira Hippie de BH
Fonte: Estado de Minas.

A feira hippie de BH transformou-se num ponto de referencia comercial e cultural de Belo Horizonte. Recebendo diversos tipos de consumidores, desde sacoleiras (os) da região até indivíduos de todo o Brasil que visitam a feira a passeio, atualmente a feira não só gera

rendimentos aos seus expositores, mas todo o comércio em volta da mesma é beneficiado pelos cerca de 70 mil visitantes que frequentam o local todos os domingos (PORTAL PBH, 2009).



Figura 5: Comércio localizado ao redor da feira Hippie
Fonte: dados da pesquisa.



Figura 6: Consumidores na Feira Hippie

Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 7: Artigos industrializados de couro
Fonte: dados de pesquisa.



Figura 8: Venda de Roupas Íntimas ao redor da feira Hippie
Fonte: dados da pesquisa.

Analisando a figura 9, exposta abaixo, verifica-se que na feira Hippie ainda são expostas obras essencialmente artesanais. Além da evidência registrada, alguns artistas, tal

como ocorria nos anos iniciais da feira, vendem quadros de autoria própria, pintados a mão (FEIRA HIPPIE.COM, 2013). A mescla de produtos industrializados como roupas íntimas, artigos de couro, almofadas, dentre outros, com peças artesanais é um fenômeno recorrente em outras feiras brasileiras. Por exemplo, Fernandes e Maia (2010) salientam que algumas feiras incluíram uma diversidade de produtos que não podem ser caracterizados como artesanais com o intuito de atender as exigências do mercado.



Figura 9: Produtos de madeira feitos manualmente.
Fonte: dados da pesquisa.

Considerando que as feiras de arte e artesanato são definidas segundo a UNCTAD (2010) como serviços criativos, de ordem cultural e recreativa, observa-se que a transformação ocorrida na feira hippie de BH seguiu a lógica proposta pelo relatório da UNCTAD (2010) e pela vertente econômica da economia criativa (BEM; GIACOMINI, 2012. FIGUEIREDO, 2011; MEDEIROS JUNIOR, GRAND JUNIOR; FIGUEIREDO, 2011), os quais alinham conceitos estritamente econômicos como comércio, exportação, desenvolvimento econômico, produtividade, entre outros, com elementos humanos e sócio culturais, como criatividade, patrimônio cultural e identidade.

O crescimento exponencial em termos comerciais e no número de feirantes trouxe consequências negativas à feira Hippie de BH, pois em algumas ocasiões (principalmente em época de eleições) intervenções políticas transformaram a feira numa espécie de curral eleitoral, em que pessoas sem nenhum vínculo, aptidão ou relação com as artes ou com o

artesanato, passaram a conseguir espaços, em troca de votos e apoio a determinados políticos (PIMENTEL; CARRIERI; SILVA, 2007).

Vasconcelos, Leal e Pinto (2009), asseveram que o artesanato além de caracterizar-se como um produto de manifestações culturais, folclóricas ou de arte popular, atua como uma opção para melhoria das condições de vida de populações de baixa renda. Nesse sentido, acredita-se que diante da ideologia capitalista que impera nas esferas sociais, políticas e econômicas em nível mundial, torna-se necessário promover um equilíbrio no delineamento de propostas que almejem ganhos econômicos e preservação da arte e artesanato. Caso contrário, podem-se perder traços culturais e históricos característicos de cada região brasileira frente à racionalização da arte como elemento residual frente ao intenso consumo por produtos comoditizados (FERNANDES; MAIA, 2010; RAUNING, 2011).

Referências

BEM, J.S. ; GIACOMINI, N. M. R . As Indústrias Criativas como Alternativa de Retomada de Crescimento: O Caso do CONSINOS no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 8, p. 8, 2012.

CARRIERI, A. P. ; SARAIVA, L. A. S. ; PIMENTEL, T. D. A Institucionalização da Feira Hippie de Belo Horizonte. **O&S. Organizações & Sociedade**, v. 15, p. 63-79, 2008.

FEIRA HIPPIE BH. **A feira**. Disponível em: <http://www.feirahippiebh.com/v2/index.php/pt-br/feirabr>. Acesso: 17/10/2014.

FEIRA HIPPIE.COM. **Lista feira hippie**. Disponível em : <http://www.feirahippie.com/blog/index.php/conheca-a-feira/lista-feira-hippie/>. Acesso: 18/10/2014.

FERNANDES, C. DE A. ; MAIA, C. E. S . Artesanato no e para o mercado: as redes de produção e comercialização dos artesanatos das feiras hippie e do cerrado de Goiânia - go. **Caminhos de Geografia (UFU)**, v. 11, p. 62-74, 2010.

FICO, C. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História (Impresso)**, São Paulo, v. 24, n.47, p. 29-60, 2004.

FIGUEIREDO, J. L. Aglomerações produtivas das indústrias culturais e o território produtivo da economia criativa. **Geografia (Rio Claro. Impresso)**, v. 36, p. 91-105, 2011.

MEDEIROS JUNIOR, H. ; GRAND JUNIOR, J. ; FIGUEIREDO, João Luiz de . A importância da economia criativa no desenvolvimento econômico da cidade do Rio de Janeiro. **Coleção Estudos Cariocas**, v. 11, p. 20110601, 2011.

PIMENTEL, T. D.; CARRIERI, A. P. ; LEITE-DA-SILVA, A. R. ; ABATE JÚNIOR, C. B . Mudanças Simbólicas: análise discursiva e das transformações identitárias e espaciais em uma feira. **Cadernos EBAPE.BR (FGV)**, v. V, p. 1-23, 2007.

PIMENTEL, T. D.; CHAVES, M. P. ; MACHADO, D. F. C. ; PEREIRA, R.D . Turismo de Negócios ou Viagens de Negócios: a representação social de empreendedores informais sobre o turismo de negócios" na Feira-Hippie/MG. **Perspectivas Contemporâneas**, v. 3, p. 1-29, 2008.

PORTAL PBH. **Feira de artesanato comemora 40 anos**. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=29344&chPlc=29344>. Acesso: 16/10/2014.